

A hora da educação no campo

ARNALDO NISKIER

Enganam-se os que pensam ser possível estabelecer no Brasil um só tipo de educação, que funcionaria como panacéia para as escolas urbanas e rurais. Raciocinou corretamente quem afirmou existir em nosso país uma série de brasis, diferenciados, com estágios bem distintos de desenvolvimento.

Lembro que, na década de 60, recebemos a visita de Herman Khan, na ocasião com um enorme prestígio em virtude do seu trabalho no Instituto Hudson. A ele foi proporcionado um sobrevôo de helicóptero, abrangendo obras e fábricas de São Paulo e do Rio. O gordo ficou perplexo com o nosso nível de expansão e reformulou suas previsões sobre o Brasil: "Quem tem o que vê não pode ser um país miserável!"

Só que não levaram o futuro às favelas, nem às zonas densamente povoadas dos nossos aglomerados urbanos, pois se isso tivesse ocorrido talvez adensasse a sua perplexidade. Estamos nos tornando cada vez mais urbanos, sem

que se estabeleçam, no nível desejável, as condições de infra-estrutura indispensáveis.

Os dados mais recentes do IBGE são impressionantes. A pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) mostra uma enorme e crescente disparidade entre o Nordeste e os demais estados. Vejamos o que ocorre com a taxa média de analfabetismo, caiu em nível nacional de 25% para 19%, o que deixou os técnicos da Fundação Educar mais otimistas, apesar de termos ainda quase 20 milhões de analfabetos. De cada cem brasileiros com mais de dez anos de idade, 19 não sabem ler e escrever. No Rio e em São Paulo, essa taxa é de 9%. O índice mais baixo é o do Distrito Federal (7,2%), seguido por Santa Catarina (7,8%). Se não sabem ler e escrever, saberão pensar?

A injustiça pedagógica concentra-se no Nordeste, onde a taxa média de analfabetismo está em torno de 39%. Chega a 47,7% no Piauí (em cada cem pessoas com mais de dez anos de idade, 47 não sabem ler e escrever). Ceará, Maranhão e Rio Grande do

Norte também apresentam taxas superiores à média do próprio Nordeste.

A dificuldade de escolarização em áreas rurais é muito evidente, o que exige do País uma ação mais efetiva de educação no campo, se possível com a utilização ampla de modernas tecnologias, como é o caso do rádio e da televisão, amparados por um esquema inteligente de ensino à distância. Enquanto não acordarmos para essa realidade, permanecerá a injusta distribuição da renda nacional, motivo de vergonha para todos nós.

Segundo nossa experiência, esses números têm a ver com as dificuldades de escolarização na zona rural, onde existe o que chamamos de "difícil acesso". De acordo com o IBGE, alguns estados nordestinos, como o Maranhão, por exemplo, chegam a ter 63% da sua população vivendo em áreas rurais. No Rio de Janeiro, de cada cem habitantes, 94 vivem em áreas urbanas, número que é de 92 pessoas no Estado de São Paulo.

Arnaldo Niskier é jornalista e integrante da Academia Brasileira de Letras